

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. III

Domingo 25 de Janeiro de 1857

N. 22

LITTERATURA.

Mathilde

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Conclusão.)

EPILOGO.

Era por uma bella tarde do mez de Abril de 1847.

Perto da casa do doutor Rego, tres pessoas sentadas em uma pequena eminenciasinha, occupião-se em formar corôas de lindas flôres colhidas nos campos proximos.

— Vamos, Maria, acaba a tua tarefa; ainda te faltão tres corôas, e nesse andar não sahiremos hoje d'aqui.

— Como queres que faça depressa uma cousa que me recorda aquella que fôï para mim mais que uma irmã? !.... Pobre Luiza!...

E a joven que chamarão Maria deixou pender a cabeça sobre o peito, e principiou a chorar.

— Para que a sua recordação não se affaste de nossa lembrança, tornou a que primeiro fallára, é preciso que vamos depor todos os dias sobre seu tumulto estas corôas que a gratidão e a saudade hão formado. Vês tu, tambem eu choro, eu que a conheci apenas em seus ultimos instantes. Mas quem ao vel-a como eu vi não a pranteará? Era por estas horas; os ultimos raios do sol, penetrando pelas janellas do quarto de Luiza, vinhão dizer-lhe que cumpria despedir-se deste mundo; nessa saudação muda, nesse derradeiro reflexo, havia a personificação de tudo que ella ia deixar. De um lado seu pai, pobre velho, acabrunhado pelos repetidos golpes da sorte, interrogava silencioso sua physionomia pallida e cada-verica, que dous mezes antes se apresentava adornada de todas as galas da juventude; de outro, Carlos, mudo tambem, e resignado apertava nas suas

as mãos d'aquella que tanto amára; á cabeceira do leito, Mathilde, chorando, com seus labios collados aos de Luiza, esperava receber della o ultimo suspiro; na extremidade do quarto, Tristão, o doutor Gama, seu pai e tio, Domingos, Martha e todos os criados, e eu, ajudada por ti, introduziamos de vez em quando pela boca semi-fechada de Luiza um remedio destinado a minorar-lhe essa dôr estranha e occulta, essa dôr que a levou á campa.

E não devo chorar?... é que eu resigno-me... tu... vamos, Maria... que a recordação de Luiza jámais se apague de nosso espirito, e ella pedirá a Deos por nós.

— E' que a sua falta levou o pranto e o luto a muitos corações, respondeu Maria; Luiza era o anjo bom des'es lugares; de hoje em diante não teremos mais quem nos anime neste valle de lágrimas.

Neste momento aproximou-se do grupo formado pelas tres jovens um nosso antigo conhecimento. Era o *Coxo*, porém não aquelle fatuo *conquistador* d'outr'ora, mas sim um homem que parece curvar-se pouco a pouco ao peso de um remorso vergonhoso.

— Boas tardes, meninas, disse elle tirando o chapéo.

— Boas tardes, responderão ellas em choro. E continuarão com o seu trabalho.

— Corôas de flôres, proseguio o poeta, como que fallando comsigo, corôas... e a mim o remorso.

— E' o castigo que Deos reserva na terra áquelles que commetterão uma acção má, respondeu Maria.

— Mas Luiza perdoou-me, e o perdão que sabe d'uns labios como os della, dimana do Omnipotente. E com tudo, continuou deixando pender a cabeça, por mais esforços que faça não posso esquecer o dia em que a vi dar o seu derradeiro suspiro.... Oh! a minha falta ha sido bem espiada. Foi castigo; todos aquelles que

contribuirão para o fim da desgraçada menina têm hido dar contas a Deos.... a Franceza acaba de fallecer.

— Como ? perguntarão as jovens.

— Sim, Mme. Adelaide morreu.... Lourenço, Martha, João, e esta hoje....

— Martha tambem ? E' a fatalidade !....

— Escutai-me, meninas, e vereis se tenho razão para fallar assim, serião pouco mais de duas horas ia eu atravessando o atalho que conduz á estrada *real* quando me encontrei com o Sr. Carlos. Depois da morte de Luiza não o tinha visto, porque a sua dôr foi immensa, e não sahia de casa. Apressei-me em cumprimental-o. Olhou-me sorprendido, parecendo não reconhecer-me. — Sr. Carlos, disse eu de novo. — Ah! és tu, me respondeu com bondade; queres acompanhar-me? — Aonde quizer, estou prompto. — Vou á casa de Martha, sei que está muito doente, e quero saber se precisa d'alguma cousa. Chegamos. Ah! meninas, é impossivel explicar-lhes o estado em que achamos a pobre velha. Mathilde estava lá, e chorava. Martha abraçada a ella soluçava até causar dô, queria fallar mas não podia. O Sr. Carlos interrogava-a, porém não teve resposta. Martha fez um esforço, apontou para Mathilde, e disse, apertando-a d'encontro ao coração: E'... minha.... filha.... proteg.... E não pôde dizer mais. Tinha ido dar contas a Deos. O que se seguiu entre esse corpo frio já inerte, e Mathilde excede a tudo quanto possa dizer-se! Se não retirassem a desgraçada menina d'ali não sei o que seria. Não tive animo de testemunhar essa dôr pungente, sabi como um louco. Tinha dado poucos passos quando me encontrei com um homem que corria a bom correr. — O Sr. Carlos está acolá? me perguntou elle. — Está, que lhe quer? Faça o obsequio d'entregar-lhe esta carta, não posso demorar-me, adeus. E partio de novo. Regressei á casa de Martha, e entreguei a carta ao Sr. Carlos. Elle abriu-a, leu, e disse unicamente: Deos se compadeça de sua alma. E dava-me a carta em questão. — Leva-a.... não quero ter nada que venha dessa mulher. Advinhei que se tratava da Franceza. Desejando saber o que continha essa carta sahi outra vez, e hides ver se não devia ficar sorpreso. O *Coxo* tirou do bolso um pequeno papel cuidadosamente embrulhado, e leu:

« Sr. Carlos.

« No momento em que vou deixar para sem-

pre este mundo de que não levo saudades, perdoar-me-ha o Sr.? Em quanto uma esperança, uma só, me alimentou por muito tempo, podia viver quasi feliz; essa esperança desvaneceu-se, para que a vida? Amei-o muito, amo-o ainda. O Sr. odeia-me, para que lutar? Adeus pois, Sr. Carlos, se a minha recordação lhe não fôr pesada de mais, venha algumas vezes orar sobre o tumulo daquella cujo unico crime é não ter tido a coragem necessaria para fugir-lhe.

« Sua, &c., &c.

« ADELAIDE.

Eis aqui porque digo que ha em tudo isto a fatalidade.

As tres jovens escutarão o *Coxo* com attenção sem com tudo interromper o seu trabalho.

— Seja a fatalidade ou não seja, disse Maria levantando-se, roguemos a Deos por aquelles que não são mais deste mundo....

— Olha, disse a mais moça das tres raparigas, e que não tinha ainda pronunciado uma só palavra; olha. Maria seguiu a direcção que aquella lhe indicava, e vio um velho curvado, todo vestido de preto, caminhando pela estrada com passos vacillantes. Era o infeliz doutor Rego que ia orar sobre o tumulo de sua filha.

— Vamos tambem, disse Maria.

E as jovens, acompanhadas do *Coxo*, encaminharão-se para o pequeno cemiterio do lugar, onde se via um simples mausoléu construido de pouco. No centro da pyramide lião-se as seguintes palavras:

A memoria da desventurada
Luiza Constança do Rego,
Fallecida na idade de
vinte annos
tres mezes
e cinco dias.

SEU INCONSOLAVEL PAI.

E mais abaixo:

Dorme em paz, minha irmã; tu eras bella de mais para este mundo; Deos, a quem faltava um anjo, chamou-te a si; e neste momento adajas por cima de nós com tuas brancas azas, e tua auréola de ouro: goza da gloria eterea, e uma vez que nos amavas sobre a terra protege-nos no céo. (*)

MATHILDE E CARLOS.

(*) *Dumas.*

As tres jovens, o doutor Rego, o *Coxo*, ajoelhados sobre o tumulo, elevarão a Deos fervorosas preces. E no dia seguinte, no outro e sempre, verieis a esta hora essa campã coberta de flores, e saudades. E' que Luiza fora um anjo sobre a terra . . .

A 20 de Agosto de 1850 passava por acaso perto do cemiterio em questão. O sol se escondia pouco a pouco no horisonte reflectindo seus ultimos raios nas mansas aguas de meu saudoso Douro. Era uma dessas tardes formosissimas em que a natureza parece sorrir-se, acariciada de momento a momento pelo fraco sopro da brisa. A alguns passos havia uma pequena casinha branca como a neve, adornada dos lados por algumas arvores fructiferas. Achei o lugar tão aprasivel, essa casa recordava-me uma circumstancia de minha vida inteira, por isso parei para contemplal-a. D'ahi a cinco minutos assomou a uma das janellas uma joven toda vestida de preto, extremamente pallida, mas d'essa pallidez tocante e attractiva. Deu pela minha presença e cumprimentou-me. Correspondi, e hia a retirar-me, ouvi porém que me chamavão e voltei-me um tanto sorprendido, porque não tinha conhecimento algum n'aquelle lugar. Era a joven da janella, então já na porta que dava entrada para a casinha.

— Não é de Armamar? perguntou ella.

— Sim.

— Filho do Faustino?

— E' verdade, tornei de mais em mais sorprendido.

— Pois tenho em meu poder uma carta para seu pai.

— De quem, se não sou indiscreto?

— De meu marido.

— D'aqui a meia hora devo estar a caminho, tenha a bondade pois de dar-me essa carta.

— A joven, com um gracioso sorriso, convidou-me a entrar, o que recusei.

— Venha, quero que diga a seu pai o quanto a minha Luizinha está bonita e crescida.

Não insisti e entrei.

Subi alguns degraus de madeira, e achei-me em uma sala elegantemente adornada. Em uma das extremidades havia um berço. A joven indicou-me, e aproximando-me vi deitada n'elle uma linda criancinha a qual começou a sorrir-se e a dar com os bracinhos logo que vio sua mãe.

— Eis-a aqui minha filha, a minha Luizinha, disse aquella pegando na creança e cobrindo-a de beijos.

Tenho uma sympathia particular pelas criancas, esta era tão galante, havia n'ella um não sei que de attracção que me forçou a tiral-a dos braços de sua mãe, e como ella beijal-a muitas vezes. A joven sorria-se, talvez de orgulho, orgulho bastante natural se attendermos ao amor de uma mãe, o unico para mim sagrado e sublime. Demorei-me mais de dez minutos a contemplar esta scena intima, difficil de esboçar, e como a minha presença se podia tornar importuna despedi-me da joven levando commigo a carta. Era uma carta cheia de exprobrações; accusava-se meu pai de ter por tanto tempo esquecido a joven e seu marido, mas ambos elles promptos a perdoar pedião áquelle que os fosse visitar o mais cedo possivel. Meu pai sorriu-se ao acabar de ler a carta, e prometeu satisfazer o pedido dos dous jovens esposos, porque o marido da moça de preto era joven tambem. Quatro ou cinco dias depois entravamos inesperadamente na sala em que eu estivera.

A joven era Mathilde, seu marido era Carlos.

Eis porque, não obstante conhecer já a este, tivestes, meus leitores, a paciencia de aturar por tanto tempo o vosso creado:

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

FIM.

Amelia

OU

AS VICTIMAS DE UM PERJURIO.

(ROMANCE ORIGINAL.)

O. D. e C.

AO MEU AMIGO

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

III

O DUELLO.

Meia noite já soou pausada e triste; seu echo voando de montanha em montanha foi-se perder nos confins d'amplidão.

Profundo silencio reina sobre a terra o qual é apenas interrompido de quando em quando pelo murmurio da folhagem, pelo piar do mocho, ou pelo esvoaçar d'outras aves nocturnas que proseguem velozes na sua carreira aerea.

Esse homem que ainda ha pouco Ernesto vira introduzir-se na casa de que fallamos no capitulo antecedente, sabindo agora acompanhado de uma mulher, com ella conversando dirige-se para o lado do caramanchão onde elle se acha: escutemos por um pouco sua conversa.

— Vê, Amelia, como a noute está bella, a natureza toda calma e tranquilla! não sentes tu acaso, minha amada, nesta noute de rosas e encantos teu coração palpitar de amor e alegria?...

— Muito, Alfredo! se eu pudesse todas as noites, a esta mesma hora, vir gosar de tua doce companhia junto a este caramanchão, ah! como haveria eu então de ser feliz!...

— Obrigado, tempo virá que sem obstaculos nós o poderemos fazer livremente e sem receio...

— Prouvera a Deos, Alfredo, que fosse já amanhã; mas meu pai nunca me deixa, como se costuma dizer, *pôr o pé em ramo verde!*...

— Amelia, tem confiança em mim, que em breve deixarás a casa de teu pai....

— Um leve presentimento me diz que de tal ventura nunca chegarei a gosar!

— Então porque?!....

— Porque talvez haja quem se opponha á nossa união.

— Oh! não creio que seja isso bastante!.... Amelia, tu me amas?!....

— Se te amo! inda o duvidas?... não tens acaso em tuas mãos a minha honra, como prova evidente do meu amor para contigo?....

— Se teu pai, unico que nos poderá pôr obstaculos, recusar em nossa união recusarás tambem em me seguir?

— Para onde?....

— Para onde me aprouver!

— Não!....

— Basta! não preciso de mais provas!.... Acredito que me amas excessivamente, meu anjo!.... deixa-me abraçar-te e em teus labios imprimir um beijo de gratidão!....

— Alfredo! modera os teus transportes; temo que alguém nos vigie, e talvez então seja forçoso separarmos para sempre!....

— Insensata!.... qual será o ousado que se atreverá a vigiar-nos ou arrancar-me de teus braços e separar-nos para sempre?....

— Eu!.... grita uma voz do centro do caramanchão, e um vulto negro, semelhante a um espectro, arremessa-se entre os dous; Alfredo bem que seja dotado de uma coragem sem limi-

tes recua um passo e treme de horror, articulando estas palavras:

— Quem sois vós?!....

— Ernesto de Vasconcellos, que te vem disputar aquella.... que só por direito lhe pertence...

— Em quanto o sangue de Alfredo de Mendonça girar em suas veas nunca te pertencerá!...

Dizendo isto, arranca do cinto um punhal e arroja-se sobre seu adversario, o qual aguardando-o com uma arma igual trava com elle uma luta de morte.

Durante ella não se ouve mais de que o forçado respirar dos dous contendores, entre os quaes um lago de sangue jorra a seus pés!....

Ao cabo de cinco minutos Alfredo baquêa por terra: a lamina do seu rival lhe tinha traspassado o coração.

Ernesto atira para o lado esse instrumento de morte; e contemplando o cadaver de sua victima exclama: « Minha missão inda não está cumprida!.... »

Um sino ao longe com voz ainda mais triste acaba de soar uma hora....

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

(*Continúa.*)

A extraviada.

(FRAGMENTO.)

E a pobre extraviada, coberta de andrajos, e acabrunhada pela fadiga do longo transitio que ha percorrido, lá se assenta n'um cachopo junto a um marco da estrada, e, elevando suas vistas para o céo, prorompe nestes queixumes como que precedidos por bem tristes recordações que neste momento assaltão sua vaga imaginação.

« Eu já fui ditosa!....

« Houve tempo em que fruindo os sorrisos de uma mãe que orgulhosa se ufanava de me haver criado e alimentado em seu ventre, desfrutando as ternuras e afagos de um pai idolatrado que se ensoberbecia de me ter dado a existencia, acariciada por irmãos que lhana e sincera me tributavão a sua estima, meus dias se passavão qual o vôo fugitivo da brisa que ciciando lentamente por meio da espessa follagem do arvoredo apenas deixa após si, por unico rastigio, o perfume com que se embalsamára nas flôres do proximo vergel....

« Mas hoje o que me resta dessa felicidade de

outr'ora ? ! meus pais, que se orgulhavam de me possuir, descirão ao tumulto vergados pela des-honra com que eu envenenei seus ultimos dias, amaldiçoando o meu nome e a hora em que me havião dado a existencia !.... E meus irmãos ?... fugirão cobertos de vergonha para onde jámais podessem ser guiados meus passos.... para onde jámais podesse chegar o conhecimento do laheo que eu lancei no seio de sua familia, deixando-me abandonada á espição do crime que, todos como que vêem estampado em minha frente !....

« E eu já fui ditosa !.... mas hoje sou filha amaldiçoada por seus pais na ultima hora de seu passamento.... sou irmã deprezada e odiada por esses amigos e companheiros de meninice... sou a mulher coberta de remorso e repudiada pelo mundo.... sou a prostituta emfim para os olhos de todos !.... Oh ! e quem o causador de minha perdição ? !....

« Joven e bella outro tempo, querida e adorada por quantos me rodeavam, dous mancebos havia que disputavam a minha preferencia : um affavel e sincero, cheio de crença e virtudes, alheio a toda a casta de seducções e enganos ; era o seu primeiro amor que me tributava : o outro mancebo dissoluto e libertino, de coração alheio a todo o sentimento nobre e de respeito, pervertido a todas as vicissitudes mundanas, tendo por unica divisa o complemento de seus lascivos desejos ; era mais um infame tropheo de victoria que, fingindo por mim um amor sagrado e extremo, pretendia, na minha perdição, juntar aos que já lhe adornavam a frente que a propria torpeza como que tornava mais bella !

« Desprezei esse amor leal e sincero do primeiro para compensar o falso e mentido do segundo com todas as véras de minha alma....

« E o que me resta hoje desse amor louco e insensato ? O remorso que pouco a pouco me vai dilacerando as entranhas, a maldição de Deos porque olvidando as suas leis desprezei o thalamo de virgem pelo da deshonra, e o desprezo do mundo inteiro !....

« E hoje, para maior desventura, o proprio monstro aos pés de quem desprezei deveres, honra e virtudes se passa junto a mim, com um sorriso de escarneo e mofa, é o primeiro a apontar-me com o dedo como a prostituta. No entanto, esse por mim tão cruelmente desprezado, em vez de me lançar odio e execração, é o unico que, se o acaso de mim o aproxima, ás torvas lagrimas

de meu arrependimento responde com um triste olhar de compaixão e misericordia !...

« Deos ! oh ! eu sou muito culpada ! a minha espição porém já tem sido grande.... Bem até as fezes já tenho libado a taça de minha desventura.... Fazei que os meus ultimos momentos se aproximem ; ou senão dai-me ao menos forças para soffrer com paciencia todos os transees de amarguras porque ainda tenho a passar. »

E a pobre, suspendendo seus queixumes, levantou-se continuando a caminhar.

Quão longa será ainda a distancia que tem a percorrer ?

Oh ! que só Deos o sabe !

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Christina.

(ROMANCE ORIGINAL.)

(Continuação.)

AS TRES VICTIMAS.

Na fatal noite em que os bens de Juliano foram devorados pelas chammas, achava-se logo á distancia de vinte passos, um grupo onde se via um cavalheiro de boa estatura que se debatia fortemente com uma mulher, cuja physionomia extraordinaria chamava a curiosidade.

Ella era de côr verde-negra, os cabellos e sobrançelhas eram tão grossos e rijos que mais parecião espinhos do que cabellos. Seus olhos eram injectados de sangue e havia nelles tanta ferocidade como os de uma pantera, alem disso tinha um espesso bigode que lhe guarnecia a immunda e rasgada bocca, da qual exalava um fétido insupportavel, proveniente do abuso dos liquidos espirituosos, do fumar, e dos putridos dentes.

Ella tinha o corpo agigantado, e trajava roupas muito grosseiras semelhantes ás que usavam os serranos do Alemtejo, e o seu todo inculcava que devia ser muito avesada ao crime.

Mil esforços fazia esta mulher para arrancar uma menina, que teria pouco mais ou menos cinco annos de idade, a quem o cavalheiro defendia com seu braço direito, segurando-a com o esquerdo.

A menina, quando vio o aspecto dessa mulher, gritou — Bruxa ! — e escondendo o rosto, cruzou os bracinhos no pescoço de seu defensor.

Não obstante a grande escuridão da noite, que ainda se tornava mais densa com as immensas nuvens de fumo, causadas pelas paredes que desabavam sobre as chaminas do incendio :

Não obstante esses grandes alaridos, que só servem para augmentar o terror e confusão que reina sempre nesses sinistros :

Já o povo começava a juntar-se á roda dos dous contendores.

O cavalheiro, que mostrava tanto empenho em fugir a essa mulher, como aos olhares desse povo, empregou todos os seus esforços para escapar-lhes.

A Bruxa, vendo que a sua presa ia já fugir-lhe, lançou as mãos ao cordão de ouro que estava no pescoço da menina e puxou com tanta força que parecia querer suffocar a pobre criança !

Felizmente o cordão estava quebrado, e emendado com um fio de linha, e pela emenda foi que se partio, e ficou preso nas mãos da Bruxa.

O cavalheiro aproveitando a occasião que se lhe tornava propicia, gritou : — Prendão ! Prendão essa mulher que me roubou !... e rompendo pelo centro do povo desapareceu nas trevas da noite, levando a menina que salvára não só do fogo, como tambem das garras de uma fera.

Havião decorrido nove annos depois que isto se havia passado, sem que Christina tornasse a ver a maldita Bruxa, mas tão impressa tinha na memoria essa visão, que pela segunda vez que a vio, logo a reconheceu.

A prisão onde se achava Christina não era mais que uma casa subterranea formada de aboboda, porém tão humida e insalubre, que a saude mais robusta em pouco tempo se definhava.

O sol nunca tinha podido fazer penetrar seus raios nessa catacumba infernal, onde as miserandas victimas sentião passar seus dias no pranto, e no desespero. Ahi, quantos infelizes não serião immolados aos caprichos de perversos sanguinarios que julgão a vida de qualquer creatura como uma cousa futil para as suas vinganças ? !

Christina acordou do lethargo em que se achava, desta vez ella pode distinguir tudo o que se encerrava nessa espelunca, pois a luz que até ali fôra amortecida, tinha sido substituida por varias outras que illuminavão todo o espaço.

Christina entre-abrindo os olhos, não vio a Bruxa ; porém outra scena mais medonha se lhe mostrava.

Ella sentou-se nas grades do seu equuleo e fi-

cou como petrificada pelo espaço de cinco minutos, quando vio os objectos que a cercavão.

Achava-se um homem carregado com algemas, e preso a um cepo, sua fronte, já encanecida com uma velhice prematura, ainda deixava conhecer um character nobre e honrado. Suas faces estavam pallidas e encovadas, e a pelle estava queimada por muitas lagrimas que devião ter corrido sobre ellas.

Pouco distante jazia um mancebo que teria dezasete annos, tambem agrilhoadado. Seu rosto era formoso mas estava tão macilento, a côr era já tão confusa que não se podia distinguir, se verde, ou amarella. Os seus olhos já tinhão perdido o brilho, e ainda se desfazião em lagrimas !

Estes dous infelizes olhavão para a moça estupidamente ; e depois como se quizessem desvendar algum mysterio concentravão-se em reflexões.

Sentado em uma cadeira estava Nicoláo.

Em pé, e aguardando ordens, estavam : Diogo, João e Leocadio.

— Rapariga... disse Nicoláo puxando Christina pelo braço, e chegando-a para o lugar das victimas. — Conheces aquelle homem que está ali...

— Não, senhor, respondeu a moça em tom supplicante.

— Pois então, não conheces teu pai ?...

— Meu pai !... gritou Christina, desprendendo-se das mãos do perverso, e abraçando o algemado que se achava preso no cepo.

— Minha irmã.... clamou o mancebo entrelaçando-se conjunctamente aos dous.

F. A. F. AMORIM.

(Continúa.)

POESIAS.

Adeus a Julia.

Adeus, Julia..... adeus querida,
P'ra mui longe eu vou partir;
Oh ! bem sei quanto este adeus
Vai o teu peito ferir !
Mas que queres, se meu fado
Cruel sempre, e desgraçado
Quer de ti me separar !
Vou, mas por Deos te conjuro;
Esse amor até qui puro
Não cesses de me sagrar.

Já que meu negro destino
De ti me faz apartar,
Não deixes, não, Julia amada,
De sempre me lastimar....
Não deixes nem por momento
De ter em teu pensamento
Quem te votou amor puro ;
Qu'eu jámais olvidarei
Esse amor que te jurei
Seja qual for meu futuro !

Tu choras?... nesse teu pranto
Mais provas me dás de amor !
Mas ah ! suspende !... teu choro
Faz augmentar minha dor....
Suspende, ó anjo adorado,
Esse pranto amargurado,
Tem fé inda no porvir ;
Depõe nelle a confiança,
Pode ser breve a bonança
Vejamós a nós sorrir !

Esse obice altivo e forte
Que de ti faz-me apartar
Vou procurar assás longe
Com que podel-o esmagar !
Vou ver se alcanço distante
Força e riqueza bastante
P'ra desfazer a barreira,
Qu'entre nós superva existe,
E em separar-nos presiste
Toda a nossa vida inteira !

Vou, porém tu me acompanhas
Nas asas do pensamento ;
Em sonhos sempre a meu lado
Ver-te-hei no meu seguimento ;
Serás tu só, nympha pura,
Que na senda d'amargura
Qual archanjo tutelar,
A meu duro soffrimento
Um mui doce lenimento
Ali veloz virás dar.

E's rainha entre thesouros
Mas eu pobre não sou nada ;
E' essa a barreira opposta
Qu'eu ver só quero esmagada !
Jurei inda além do averno,
Alcançar teu peito terno
Seja elle o mcio qual fôr....
Seguirei, qual peregrino,
Até que a mão do destino
Compense meu terço amor !

Mas se acaso inda o mau fado
De me seguir não deixar,
Sendo vãoos quantos esforços
Fizer para te alcançar,
Não me risques da memoria,
Mer'cerás palma de gloria

Cumprindo o voto constante ;
Pois que mesmo desgraçado
Não deixarás de a teu lado
Ver o desditoso amante !...

JOÃO DANTAS DE SOUZA

Saudades de minha mãe.

Minha mãe, eu te consagro
Este pobre e rude canto,
O qual saudoso te envio
Orvalhado com meu pranto.

Mãe, esse adeus que me dêste
Jámais eu posso olvidar....
Os teus ais de minha mente
Só a morte ha de riscar.

« Adeus, meu filho, disseste,
Eu nunca mais te verei ! »
Nos meus braços te lançaste,
E eu as faces te beijei.

Ao beijar te deslisarão
Lgrimas por meu semblante ;
Tristes lgrimas nascidas
No peito d'um filho amante.

« Nunca me esqueças, disseste,
E tua patria tambem ;
Pois, eu filho amo-te muito,
Amo-te como ninguém. »

« Não 'squecerei, respondeite,
A minha terra natal,
Os teus beijos, teus carinhos,
O meu bello Portugal. »

Qu'ria partir tu choravas,
Choravas muito.... meu Deos !...
Arranquei-me de teus braços,
Dando-te o ultimo adeus.

Terrivel e muito amarga
Foi esta separação !...
Que, tu, amavas-me muito
Do fundo do coração.

Sobre a tolda do navio
Tristes momentos passei ;
Minha patria me lembrava,
E a mãe que nella deixei.

Por mil saudades mirrado
No exilio, agora, definho ;
Gemendo na soledade,
Sem ter de mãe um carinho.

Lê, minha mãe, este canto
Lê-o com toda a atenção ;
Estima o que é de teu filho
Nascido no coração.

Rio de Janeiro, 1857.

JOÃO AUGUSTO RODRIGUES DE MACALHAES.

O Pirata.**RIMANCE.**

NO ALBUM DE UM AMIGO.

IV

E o pirata qual fera damnada
Sobre a popa do barco assomou,
Lá no espaço mais negro que a noute
Grande vulto além mais divisou.

Furioso já alarma gritando
Os soldados á guerra chamava ;
Com presteza voltando seu barco
Tudo em ponto de guerra ficava.

— « Eia, amigos ! feri o combate !... »
Com denodo e coragem bradando,
A terrível descarga soltava
Sobre o ponto mais negro voando !...

Era um grande baixel que trazia
Solto ao vento da Lysia o pendão,
E a seu bordo um valente mancebo,
Destemido e leal capitão.

Entre os seus mais luzidos guerreiros
Lá com voz estridente fallou ;
— « Fazei fogo !... » apressado clamando,
Um terrível combate encetou !

V

Então as mortíferas balas cruzavão,
As peças troando mettião horror,
Mil gritos de raiva subião ao ar ;
Nem lusos nem mouros mostravão temor !...

As balas zunindo partião as vergas,
Ao som das descargas os cascos tremião ;
Aos centos morrendo os valentes guerreiros
Mui tristes gemidos das aguas sahião !...

Afflitos c'o as ondas luctando jazião
Immensos feridos pedindo soccorro ;
Na p'leja embebidos ninguem acudia
Aos gritos que davão: « salvai-me que eu morro ! »

A lucta infernal pouco a pouco findou,
E os lenhos restavão em chammas ardendo ;
Entre elles no pego dous jovens se vião
Batendo-se irados, co'os dentes rangendo.

Ouvirão-se ao longe dous gritos de dor,
Do centro das aguas que tristes sahião ;
Os dous contendores nadando ligeiros
O seio das vagas mui déstros abrião.

Cançados ficarão, faltarão-lh'as forças,
E ao fundo do pego lá forão cahir....
Ao longe n'um bote remava uma joven
Que vêl-os bem pode tornar a surgir.

Vogando ligeira a donzella em seu barco
Os salva ; e seus corpos de gelo apalpando,
Attenta seus rostos a pobre desdita ;
E já para o lado lá cáe desmaiando !

A si do desmaio tornando mui prestes
Por sobre os dous vultos a vista lançou,
Aonde n'um delles seu mano encontrava,
E n'outro o mancebo que tanto adorou.

A joven mui triste com dor então clama
« Oh! ceus ! que me resta?! morrer? eu bem sei !
« A tua vingança, Deos jsto, em mim cai-a,
« Só eu sou culpada, manchei vossa lei !... »

Então os dous jovens os olhos abrindo
Olhares terríveis entre elles trocarão ;
« Infame !... » « covarde ! com furia bradando
Dos cintos seus ferros com ira arrancarão !...

A moça apressada bradou « suspendei »
E os dous contendores suspensos ficando,
« E' ella!!!... » disserão a um tempo assombrados
Os ferros das dextas cahir já deixando.

VI

E os irmãos jubilosos se estreitarão
Com seus peitos pejados d'alegria,
Por dilatado tempo assim ficarão
A' frouxa luz d'aurora que nascia !

Largo espaço em segredo conversarão,
Segredos que ninguem ouvir podia ;
E da joven os labios se rosarão
Ornados d'um sorriso d'alegria.

Sobre a prôa do barco recostado
Estava o joven mouro pensativo,
Duas lagrimas tinhão deslisado
Ao longo de seu rosto tão altivo !...

(Continúa)

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Hymno ao trabalho.

Ao trabalho, meus irmãos,
Que o trabalho é muito bom,
O trabalho alenta a vida
E nos dá consolação.

Quem não amar o trabalho
Muito infeliz tem de ser,
Pois o viver sem trabalho
E' peor do que morrer.

O trabalho é muito nobre
E dá paz ao coração ;
E' o trabalho dos homens
De mais regio coração.

Ao trabalho, meus irmãos,
Que o trabalho é muito bom
O trabalho alenta a vida
E nos dá consolação.

Setembro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.
Rua da Valla n. 111.